

Capítulo 3

O Perfil das Famílias Investigadas.

Condições de escolha do estabelecimento de ensino.

É possível observar, nas referências teóricas apresentadas para o estudo da escolha do estabelecimento de ensino pelos pais, a utilização de alguns conceitos desenvolvidos por Pierre Bourdieu.

Ball, Gewirtz & Bowe (1994,1995, *apud* Nogueira,1998), por exemplo, consideram a escolha de escola uma instância dentro do ‘campo’¹ educacional, onde os diferentes tipos de capital representam vantagens sociais e são utilizados pelos ‘agentes’ como estratégias de distinção e classificação social. A escolha da escola deixa de ser, neste ponto de vista, compreendida como uma ação ingênua e individual e passa a ser identificada como “uma dimensão da luta de classes simbólica (e invisível) pela apropriação de bens culturais” (Ball et al., *apud* Nogueira, 1998, p.43).

A escolha do estabelecimento de ensino realizada pelos pais para os seus filhos, passa a ser compreendida, portanto, como uma ação resultante da adequação dos *habitus* familiares e dos *habitus* escolares.

Nesse sentido, tornou-se necessário investigar - até onde o instrumento de investigação permitiu - questões relativas à posse e ao uso dos diferentes tipos de capitais adquiridos pelas famílias investigadas.

A caracterização das famílias quanto ao nível sócio-econômico e aos seus “estilos de vida” (aspectos que podem ser utilizados para identificar a constituição do *habitus* familiar), foi realizada com o intuito de que tais dados pudessem ser posteriormente cotejados com os critérios e estratégias de escolha da escola reveladas por essas famílias, dando indícios dos *habitus* escolares almejados.

Diante de tais questões, cabe revelar:

¹ Na concepção bourdiana, os diferentes espaços ou ambientes sociais (escolar, religioso, artístico, etc) são identificados como ‘campos’. Cada campo representa um espaço relativamente autônomo na esfera da vida social onde, além de se desenvolver linguagens, valores e regras específicas de relacionamento e ação entre as pessoas ligadas àquele espaço, travam-se permanentes lutas de interesses na distribuição de privilégios e poder. Nesse contexto, a vida social é compreendida como um jogo, onde não há ação desinteressada. As pessoas que compõem os espaço social circulando nos diferentes campos, são identificados por Bourdieu como ‘agentes’, para contrapor-se “ao caráter substancialista com que o termo sujeito é normalmente empregado em ciências sociais”. (Brandão, 2000b, p.98).

- Que ‘tipos’ de famílias foram encontrados nos 81 questionários respondidos? Como podem ser caracterizados de acordo com a posse de capital econômico e cultural?
- Que uso essas famílias fazem dos diferentes tipos de capital que possuem?
- De que forma esses tipos de capitais interferiram no processo de escolha de escola vivenciado por essas famílias?

Para a caracterização do perfil das famílias pesquisadas, os dados obtidos através do questionário respondido pelos pais foram cruzados com as informações obtidas nas entrevistas com orientadores e coordenadores pedagógicos da escola, nas fontes documentais, e nos estudos anteriores desenvolvidos sobre a relação famílias e escolas.

Paralelamente à apresentação dos dados obtidos sobre as características sócio-econômicas e práticas culturais reveladas pelas famílias, foram tecidas algumas questões preliminares sobre as possíveis interferências dessas características no processo de escolha de escola vivenciado pelo grupo investigado ², ou seja, das suas condições de escolha.

Características Sócio-Demográficas das Famílias.

Os alunos cujas famílias foram investigadas possuem entre 7 e 13 anos de idade, estando a maior parte deles compreendida na faixa etária entre 7 e 8 anos, compondo as turmas de 1ª série do ensino fundamental do CSRC (81% dos questionários respondidos). Os alunos de 11 e 13 anos de idade compõem o grupo de alunos novos da 5ª série do ensino fundamental (correspondendo a 19% dos questionários respondidos pelas famílias).

² Conforme relatado no capítulo I, o questionário foi enviado apenas para as famílias dos alunos novos, matriculados na 1ª e 5ª séries do ensino fundamental do CSRC, do ano de 2003. Do total de 117 questionários enviados para serem respondidos pelas famílias dos alunos novos, 81 foram respondidos. Portanto, o perfil das famílias apresentado, assim como os dados sobre o processo de escolha de escola, referem-se apenas às famílias dos alunos novos de 1ª e 5ª série, participantes da pesquisa, o que corresponde à cerca de 6% do total de 1237 alunos da escola (matrícula total inicial em 2003 para os níveis médio e fundamental do CSRC, entre os quais não foram contabilizados os alunos da educação de jovens e adultos, oferecida no curso noturno pelo CSRC).

Os questionários foram respondidos predominantemente pelas mães dos alunos (82%). Os respondidos pelos pais correspondem a 17% do total. Apenas uma avó respondeu ao questionário enviado às famílias. Tais dados podem estar sugerindo indícios de que, mesmo com maior ocupação no mercado de trabalho que há décadas atrás (cerca de 89% das mães das famílias investigadas exercem uma profissão)³, a mãe continua tendo a maior participação nos assuntos relacionados à escolarização dos filhos.

Na entrevista realizada com a orientadora educacional da 1ª série, foi apontado, nos últimos anos, um aumento da participação dos pais nas questões relacionadas à escolarização dos filhos, inclusive no processo de escolha de escola.

Embora também tenha sido apontada, na entrevista com a orientadora educacional, uma maior participação dos avós no acompanhamento da escolarização e processo de escolha de escola dos netos, devido à sobrecarga de atividades dos pais dos alunos, tal dado não revelou-se significativo através dos dados obtidos com o questionário.

A grande maioria dos alunos (cerca de 74%), assim como seus pais (70%) são naturais da cidade do Rio de Janeiro. Foram identificados apenas o caso de 1 aluno, 1 pai e 2 mães de nacionalidade estrangeira.

As famílias investigadas residem, quase na totalidade (cerca de 97%), nos bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro, região onde estão situados os bairros considerados nobres da cidade, eleita como local de moradia por um grande percentual das famílias pertencentes aos estratos médios e altos da sociedade carioca.

Sob esse aspecto, considerações importantes podem ser destacadas nos estudos Connel et al.(1995,p.63):

“A organização espacial da cidade em si própria é uma importante forma de organização social. Como as pessoas organizam sua vida doméstica e seu lazer depende de onde vivem. E onde vivem, na devida ordem, depende tanto dos recursos que pessoalmente comandam como do modo que a cidade foi construída de modo a proporcionar a separação de classes”.

³ Apenas 4% das mães dos alunos foram classificadas na categoria ‘do lar’. Os outros 7% deixaram a questão em branco, sem identificar a principal ocupação da mãe.

Nesse sentido, nos estudos da relação família-escola, a localização da instituição de ensino deve ser considerada como um dado relevante tanto para a análise das características institucionais, quanto para a compreensão da relação que esta estabelece com a clientela atendida (Carvalho, 2004, p.110).

Entre os 97% das famílias que residem na Zona Sul, apenas 10% moram no mesmo bairro onde está situado o Colégio Santa Rita de Cássia, escolhido pelas famílias para a escolarização de seus filhos. Estes dados distanciam-se, em uma primeira leitura, da hipótese do CSRC ser identificado como um “colégio de bairro”, onde a proximidade do lar seja um critério decisivo na escolha de escola.

Ainda que representado por um percentual muito baixo (cerca de 3%), podemos encontrar, entre as famílias investigadas, aquelas cujos filhos precisam “atravessar (diariamente) os túneis” que separam “o universo” da Zona Sul, das Zonas Norte e Oeste da cidade para chegarem até a escola escolhida para a sua escolarização.

A esse respeito, é possível tecer algumas considerações. Estudos europeus apontados por Nogueira (1998) que investigaram estratégias familiares na escolha da escola, revelam que quanto maior a idade escolar das crianças, maior a mobilização dos pais para a escolha da escola.

Se considerarmos que em alguns bairros de origem dos alunos - assim como no entorno destes - existem opções de escolas (algumas inclusive citadas no *ranking* das melhores) que oferecem o segmento de ensino para o qual as famílias matricularam seus filhos (1ª e 5ª séries do ensino fundamental), é possível identificar uma certa pré-disposição dos pais em organizarem seus cotidianos de forma que os seus filhos possam se deslocar do bairro de onde residem até a escola escolhida.

Se considerarmos que a maior parte dos alunos das famílias investigadas possuem entre 7 e 8 anos de idade, dependendo de um responsável para fazer o seu transporte até a escola, é possível identificar, através desse movimento de deslocamento espacial, um certo tipo de investimento familiar na escolarização dos filhos, desde as séries iniciais do ensino fundamental. Pode-se considerar ainda que, embora a maior parte dos alunos resida na Zona Sul da cidade, as características e estrutura de grande metrópole do Rio Janeiro exigem para o deslocamento de um local para o outro, mesmo entre bairros relativamente

próximos, um certo tempo disponível, principalmente nos horários de *rush*, que geralmente coincidem com os horários de entrada e saída das escolas.

Contudo, para que tais dados fossem considerados de maneira mais conclusiva, seria necessária a investigação do tempo de deslocamento do aluno de sua residência até a escola, e ainda, o local de trabalho dos pais a fim de conferir uma possível ‘comodidade’ na associação de trajetos de pais e filhos (aspectos estes que não foram considerados no momento de elaboração do questionário).

Os responsáveis pelos alunos que responderam ao questionário, possuem entre 27 e 73 anos de idade, estando a maior parte deles (49%) compreendida na faixa etária entre 31 e 40 anos de idade.

No que se refere ao estado civil dos pais, 58% são casados. Em relação à constituição familiar, em 69% dos casos as famílias podem ser consideradas como famílias nucleares, ou seja, a maior parte dos alunos mora com o pai, a mãe e, os que possuem, com os irmãos. Contudo, foi possível identificar, em diversas famílias, empregadas domésticas (31%) e outros parentes residindo na mesma casa que o aluno (cerca de 40% no total, que residem com parentes como avós, companheiro (a) da mãe ou pai, com tio(a) ou primos).

A maioria das famílias investigadas possui dois filhos (47%). Famílias que possuem apenas um filho somam um total de 36%. As famílias mais numerosas constituem os menores percentuais encontrados (16% com três filhos e 1% com quatro).

Aspectos relacionados ao número de filhos na família, assim como a posição do filho na ordem cronológica de nascimento, têm sido considerados como diferenciais nos estudos que pretendem investigar o investimento das famílias na escolarização de sua prole. As estratégias familiares ‘de reprodução, de fecundidade, de matrimônio, de heranças econômicas e educativas’ são geralmente identificadas como estratégias de manutenção ou ascensão da classe social (Bourdieu, 1997 *apud* Romanelli, 2003).

Mas, se por um lado, as taxas de fecundidades menores são geralmente associados às famílias com um nível sócio-econômico alto (Carvalho, 2004), tal fator deve ser cuidadosamente reavaliado, ao menos no contexto brasileiro, onde não faltam famílias pequenas e pobres.

Trazendo o foco para o processo de escolha de escola como investimento escolar, pode-se afirmar que a escola eleita pelos pais investigados para a

escolarização de seus filhos, foi escolhida em 44% dos casos (entre os pais que possuem mais de um filho-52%), para os filhos primogênitos, e em 42% dos casos para o 2º filho na ordem cronológica de nascimento. O menor percentual do processo de escolha de escola relatado nos questionários se refere à escolha para os filhos caçulas (3º e 4º filho na ordem de nascimento).

Se considerarmos a pequena diferença de pontos percentuais entre as famílias cuja escola foi escolhida para o 1º ou 2º filho, e ainda, a escolha dessa renomada escola para os filhos caçulas, pode-se afirmar que o investimento dos filhos para uma escolarização de ‘excelência’ não é privilégio dos primogênitos, ao menos no grupo investigado.

Estudos anteriores sobre trajetórias escolares (Nogueira, 1991) indicaram como característica de algumas famílias (especialmente as de camadas médias e baixas) lançarem mão, além da estratégia de fecundidade, de estratégias educativas para o alcance da mobilidade social almejada e manutenção da posição no espaço social. Assim, as ‘fichas’ são apostadas nos filhos mais velhos, que possuem um ‘ligeiro privilégio’ em termos de formação acadêmica, tendendo a atingir níveis mais altos de escolaridade.

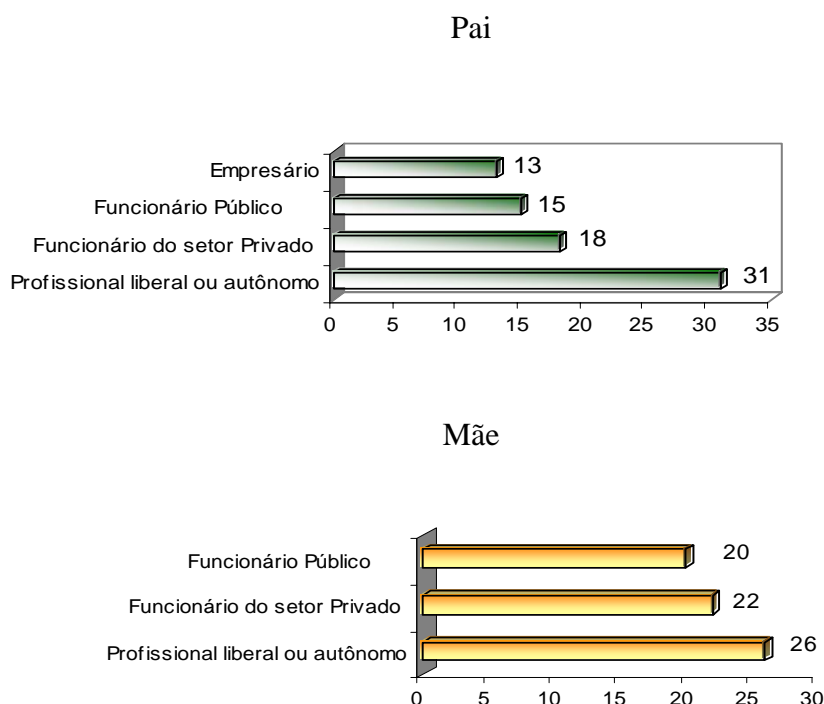
Já no caso das elites, a estratégia de fecundidade pode ser até considerada como forma de manter a posição social (visto que grande parte das famílias possui, em média, dois filhos). Contudo, no que se refere às estratégias educativas desta parcela da sociedade, é possível constatar que “o número de filhos não exerce efeito sobre os resultados escolares” (Fourastié, *apud* Nogueira, 1991).

No que se refere ao tipo de ocupação profissional exercido pelas famílias, foi possível constatar através dos dados do questionário, que os pais dos alunos investigados possuem, em sua maioria, apenas um tipo atividade profissional (64%). No entanto, a área de atuação dos pais é bastante diversificada: foram citadas cerca de 30 profissões (ou ocupações) diferentes nas diversas áreas (humanas, exatas e artísticas) para caracterizar a área de atuação dos pais, e cerca de 38 profissões para a caracterização da área de atuação das mães (também nas diferentes áreas).

Vale ressaltar, que na maior parte dos casos, as profissões citadas exigem formação de nível superior. No caso dos pais, obtiveram maior índice as profissões de médicos, engenheiros e analistas de sistemas. Entre as mães, médicas, professoras e funcionárias públicas.

Embora haja a tendência, em alguns estudos sobre escolha de escola, de associar as práticas de escolha das famílias ao tipo de atividade profissional dos pais, não foi identificado na análise dos dados, nenhuma relação específica da profissão dos pais com os critérios e estratégias de escolha de escola revelados.

Considerado este aspecto e a variedade de profissões/ ocupações citadas, um panorama geral sobre a principal atividade profissional das famílias pode ser observado, através do tipo de vínculo que possuem entre os diferentes setores do mercado.



O maior percentual em relação ao tipo de vínculo profissional das famílias investigadas, está associado àqueles que se classificam como profissionais liberais ou autônomos (36% dos pais e 31% das mães). O vínculo com o setor privado representa o segundo maior percentual na principal atividade profissional exercida pelos genitores dos alunos (26% das mães e 21% dos pais), superando o número de pais cuja profissão está vinculada ao funcionalismo público (24% das mães e 18% dos pais). Os empresários constituem o 4º maior grupo de profissionais nas famílias pesquisadas, constituído por 15% dos pais e apenas 5% das mães.

Outros tipos de vínculos profissionais apareceram de forma menos expressiva (comerciantes, militar, aposentado, estudante e integrante de ONG – organização não governamental).

Mesmo tendo sido diagnosticado que o maior percentual dos pais (64%) possui apenas uma atividade profissional, 35% dos respondentes declararam que as despesas com escolarização dos filhos não impõem sacrifícios à família. No entanto, para o restante das famílias (cerca de 65%), o investimento na escolarização dos filhos implica em algum tipo de planejamento familiar, seja através de um maior controle das despesas (renúncia a viagens de lazer ou férias, controle mais rígido de despesas opcionais), na busca de maior captação de recursos (trabalho secundário, auxílio da empresa ou de familiares) ou de descontos na mensalidade e bolsas de estudo.

Sob esse aspecto, cabe ressaltar ainda a resposta oferecida por um responsável⁴ no item ‘outros’ do questionário, identificada como a que melhor define a sua situação, quando questionado se a despesa com a escolarização dos filhos gera algum tipo de sacrifício à família. A resposta ‘optamos por filho único’ revela claramente a existência de uma estratégia de fecundidade, antecedendo à estratégia educativa da escolha da escola para o investimento na educação do filho.

No entanto, tais dados não revelam-se, ainda, suficientes para identificar até que ponto, o preço da mensalidade escolar pesou como critério de escolha do estabelecimento de ensino. Representam, ao menos, um indício de que, se para 35% das famílias a educação dos filhos não gera nenhum tipo de sacrifício na despesa familiar, no processo de escolha de escola dos 65% restante das famílias investigadas, houve uma pré-disposição por parte das famílias no sentido de fazer algum esforço para investir na “boa” educação de seus filhos.

Consideradas as principais características sócio-demográficas (e a breve associação destas a alguns fatores de condições sócio-econômicas) das famílias

⁴ Durante a análise dos dados obtidos nesta pesquisa, foi possível observar a representatividade de algumas questões isoladas, expressadas principalmente através das respostas que os responsáveis forneciam quando não ‘se identificavam’ entre as opções de respostas existentes no questionário, ou quando sentiam necessidade de complementá-las com alguns comentários. Tal fator chamou ainda mais a atenção para uma expressão de Maria Alice Nogueira, citada por Romanelli, no grupo de estudo de Sociologia da Educação na 26^o ANPED/2003: quando se trata de pesquisa qualitativa, ‘o estatisticamente insignificante, torna-se sociologicamente significativo’.

pesquisadas, vejamos, a seguir, como tais características contribuem para a identificação da posição ocupada por essas famílias na estratificação social brasileira.

✚ Posição Sócio-Econômica na Estratificação Brasileira.

A identificação e classificação de uma determinada população pesquisada entre os diferentes segmentos da sociedade brasileira é um desafio que se impõe aos pesquisadores de diversas áreas de estudo, que pretendem investigar o comportamento de determinada camada social.

De acordo com informações do ANEP⁵ (Associação Nacional de Empresas de Pesquisa), enquanto nos Estados Unidos a classificação social é feita por renda e na Europa por ocupação no trabalho, no Brasil, a utilização isolada de critérios como renda mensal, escolarização ou ocupação no mercado não são adequados para identificação das diferentes camadas sociais.

A utilização de tais critérios de forma isolada para classificação dos diferentes segmentos sociais, não é adaptável à realidade brasileira pela grande informalidade existente no mercado de trabalho do nosso país.

Tal informalidade revelou-se expressiva nesta pesquisa, através dos dados obtidos com o questionário aplicado às famílias dos alunos, visto que a principal ocupação dos pais e mães das famílias investigadas foi caracterizada na categoria de ‘profissionais liberais ou autônomos’, atingindo o maior percentual entre as opções de vínculo profissional.

Após alguns anos da existência e utilização de mais de um critério, o mercado adotou um critério de classificação econômica comum, que pretende restabelecer a unicidade dos mecanismos de avaliação do potencial de compra dos consumidores. O novo sistema, batizado como Critério de Classificação

⁵ www.anep.org.br - A ANEP, iniciou suas atividades em 1992, quando um grupo de empresas de pesquisas reuniu-se e fundou a entidade, representando hoje mais de 85% do faturamento do mercado de pesquisa nacional. Tem como trabalhos de destaque o desenvolvimento do Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) que segmenta a população em classes A, B, C, D e E, orientando o mercado dentro destes parâmetros e o Controle de Qualidade dos Respondentes de Pesquisa Qualitativa (CRQ), um banco de dados com mais de 650 mil registros de participantes em pesquisas). Em fevereiro de 2004 passou a se chamar ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa), resultado da fusão com a ABIPEME (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa de Mercado).

Econômica Brasil (CCEB) tem a função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de ‘classes sociais’, definindo a divisão de mercado como ‘classes econômicas’.


Hoje, os institutos de pesquisa de estatística e de mercado brasileiro utilizam o mesmo método para definir as classes de consumo. O CCEB atribui pontos a cada família de acordo com as suas características: grau de instrução do chefe de família, a posse de bens de consumo duráveis (automóveis, eletrodomésticos), as condições de moradia (forma de ocupação do domicílio, número de cômodos), e se a família tem ou não empregada(s) doméstica(s).

Uma vez definida a classe, sabe-se em média a renda familiar do grupo. As classes A,B,C,D e E representam os grandes grupos. De acordo com a pontuação atingida, a família é classificada como A1, A2, B1, B2, C, D ou E. A associação de números às letras revela a população segmentada dentro de uma mesma classe econômica.

Seguindo os critérios do CCEB e dos dados sobre os Padrões de Vida (PPV) utilizados pelo IBGE, como podemos situar as famílias investigadas no atual contexto brasileiro?

De acordo com os dados divulgados na mídia e atualizados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC/IBGE) no último ano, a população brasileira estava segmentada da seguinte forma:


Tabela 3

 Renda Média Familiar - (em R\$)						
Classe A1	Classe A2	Classe B1	Classe B2	Classe C	Classe D	Classe E
10.803	6.433	3.887	2.314	1.285	588	287

Fonte: Associação Nacional de Empresas de Pesquisa e Target (2003)

Tomando como parâmetro os valores e grupos econômicos estabelecidos pelo IBGE, as famílias investigadas nesta pesquisa poderiam ser identificadas, de acordo com a renda mensal familiar que possuem, entre os grupos A e C, distribuídas da seguinte forma:

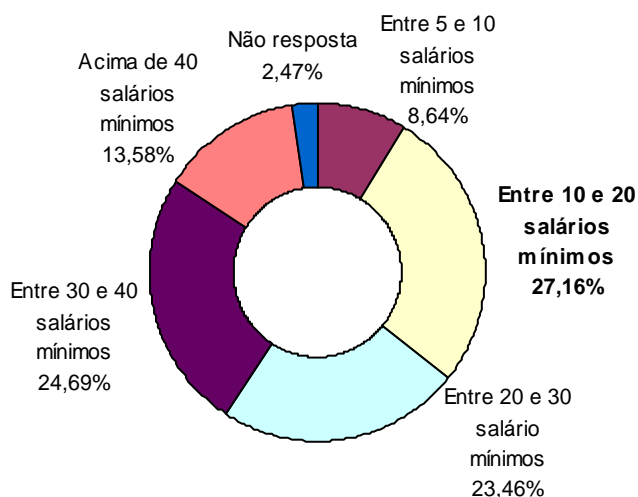
Tabela 4

 Classificação da classe econômica das famílias investigadas						
Classe A1	Classe A2	Classe B1	Classe B2	Classe C	Classe D	Classe E
62%		36%			0%	0%

- 2% das famílias investigadas não revelaram a renda familiar.

As famílias pertencentes ao grupo **A** (que constitui a maioria no conjunto das famílias pesquisadas através da escola) são identificadas como elite econômica. A maioria dos analistas considera como classe média, os grupos **C e B**. No entanto, algumas diferenças de leitura podem ser encontradas na classificação social da população, devido a grande diferença de distribuição de renda encontrada em nosso país e da conseqüente estratificação interna entre os grupos de uma mesma classe econômica.

A renda média mensal de cada família foi investigada através de uma estimativa estabelecida entre faixas de salários mínimos ⁶, que depois de calculados foram aproximados dos valores estabelecidos como padrão pelo CCEB no ano de 2003 (tabela 3). Foram obtidos como resposta os seguintes índices:



⁶ Valor do salário mínimo em 2003: R\$ 240,00. As opções de respostas em faixas salariais tornaram a aproximação com os valores estabelecidos pelo CCEB/IBGE um trabalho laborioso frente a distância de valores existente entre algumas faixas salariais.

Considerando essa grande variação na distribuição de renda média familiar entre o mesmo grupo econômico, se analisada cada categoria de forma isolada, as famílias investigadas podem ser caracterizadas da seguinte forma:

- O menor percentual das famílias investigadas (cerca de 9%) recebem entre 5 e 10 salários mínimos (R\$ 1.200 a 2.400), podendo ser identificadas, portanto, como pertencentes aos grupos C e B2, consecutivamente os níveis mais baixos da estratificação interna da classe média.
- A maior parte das famílias investigadas (cerca de 27%) possui a renda mensal entre 10 e 20 salários mínimos, sendo identificadas entre as famílias pertencentes ao estrato economicamente mais privilegiado da camada média (classe média alta).
- As famílias que recebem entre 20 e 30 salários mínimos representam cerca de 23% do total das famílias pesquisadas, com apenas 2 pontos de diferença no percentual entre as que recebem entre 30 e 40 salários (cerca de 25%). Ambos os grupos foram classificados, pela renda média mensal, como famílias pertencentes à elite econômica brasileira, ainda que representada pelo nível mais baixo na estratificação da elite (classe A2).
- Cerca de 14% das famílias investigadas podem ser consideradas como parte integrante da classe A1.

A partir de tais características, já seria possível estabelecer, a princípio, um perfil das famílias dos alunos novos do CSRC matriculados da turma de 1ª e 5ª série do ensino fundamental no ano de 2003. Contudo, numa pesquisa qualitativa, raramente a definição de classe exclusivamente pelo critério econômico se torna satisfatória para a definição do perfil da população investigada.

De acordo com as orientações da própria ANEP (considerada na metodologia de diversas pesquisas), para se obter uma boa classificação em pesquisas qualitativas é de fundamental importância que se obtenha o máximo de informação (viável ou razoável) sobre os respondentes, incluindo seus comportamentos de compra, de interesses e preferências, de lazer e até mesmo, quando possível, características da personalidade.

Seguindo tais orientações, para a identificação do perfil das famílias investigadas, serão considerados nos itens a seguir, os dados obtidos sobre o perfil

acadêmico e o acesso à informação dessas famílias, assim como seus gostos e preferências identificados através das práticas culturais reveladas.

✚ Perfil Acadêmico e Herança Escolar.

Um panorama geral sobre a escolarização das famílias investigadas permite diagnosticar que os pais dos alunos novos da 1ª e 5ª do ensino fundamental (2003) do CSRC possuem um alto nível de formação acadêmica: cerca de 74% dos pais e 76% das mães possuem nível universitário. Entre os primeiros, 7% são pós-graduados. Este percentual aumenta para 9% quando se refere à titulação das mães.

Os maiores percentuais obtidos nas informações sobre o grau de instrução dos avôs (maternos e paternos) dos alunos, cujas famílias constituíram objeto de estudo desta pesquisa, também estão associados ao nível superior (46% dos maternos e 40% dos avôs paternos). Em relação à formação acadêmica das avós, predomina a formação no nível médio (35% das avós maternas e 31% das paternas). No entanto, é possível encontrar ainda, entre as avós dos alunos, um percentual razoável entre as que possuem formação universitária (30% as maternas e 26%, as avós paternas).

Sob esse aspecto, é importante considerar na constituição familiar desses alunos, a presença de mais de uma geração com nível superior. Esse dado pode estar representando indícios de um suposto investimento na educação dos filhos, em um movimento através do qual os alunos possam estar recebendo a ‘herança escolar’ dos pais.

No que se refere à rede de ensino, tanto a escolarização dos pais quanto, das mães dos alunos se deu, predominantemente, na rede privada de ensino nos níveis fundamental e médio. Há, no entanto, uma inversão deste quadro quando a escolarização se refere à formação no nível superior e na pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado) dos pais, que foram realizadas predominantemente em instituições públicas. No caso dos níveis de graduação e especialização das mães, prevaleceu a frequência na rede privada de ensino (assim como o ensino médio e fundamental), embora o mestrado e doutorado tenham sido realizados de forma predominante, na rede pública de ensino, por aquelas que atingiram a este grau de instrução.

Esse tipo de trajetória de escolarização pelas redes de ensino privada e pública, frequentadas, nesta ordem, para a formação nos níveis fundamental e médio, e graduação e pós-graduação é geralmente associada às práticas familiares de classes economicamente privilegiadas (ou, ao menos, com intenção de ocupar uma melhor posição na escala social através da escolarização).

Um outro aspecto de destaque na formação destas famílias (e de distinção tanto no meio acadêmico, quanto no meio profissional e social) pode ser observado através índice elevado dos pais e mães investigados, que possuem domínio de pelo menos uma língua estrangeira. O percentual atinge quase a totalidade de pais investigados: cerca de 99%.

Se por um lado, o domínio de uma segunda língua parece ter sido um aspecto valorizado na formação dos pais dos alunos cujas famílias foram investigadas, por outro, se esse aspecto estiver sendo igualmente valorizado na educação dos filhos, aparentemente tal formação não está sendo delegada à escola, visto que o domínio de uma segunda língua não aparece em nenhum momento como destaque no projeto e na prática do CSRC, escolhido para seu filho.

Considerados os aspectos relevantes para a identificação do perfil acadêmico, passarei a revelar, por ora, algumas práticas cotidianas das famílias investigadas, que podem contribuir para complementar (no contexto deste trabalho) a tentativa de traçar um perfil sobre essas famílias.

O Acesso às Informações e as Práticas Culturais

Uma análise geral sobre os recursos de acesso à informação e as práticas culturais cotidianas das famílias investigadas, permite afirmar que os alunos novos da 1ª e 5ª séries do ensino fundamental do CSRC são constituídos por famílias que caracterizam um grupo favorecido não só no que se refere à constituição de capital econômico e cultural, como também de capital informacional e social.

A grande maioria das famílias investigadas tem acesso às novas tecnologias de informação e entretenimento em suas casas, como por exemplo, computador (91%), internet e TV a cabo (84%).

Entre as atividades mais frequentes na rotina semanal das famílias destacaram-se a leitura não-técnica (60%) e assistir televisão (56%).

Os jornais e noticiários são os tipos de programas assistidos com mais frequência pelas famílias (72%), seguidos dos filmes/ seriados (47%) e de documentários (30%). O índice dos 3 programas preferidos pelos respondentes do questionário acompanhou a hierarquia dos assistidos com maior frequência (jornais 40%, filmes 23% e documentários 12%).

No que se refere ao hábito de ler, mais da metade dos responsáveis que responderam ao questionário declarou possuir uma relação prazerosa, de lazer com a leitura, classificando-a como o maior índice percentual entre as diversões preferidas (56%).

A leitura manifestada como forma de entretenimento nas práticas culturais dessas famílias é reforçada quando, na mesma questão (sobre o tipo de relação que os respondentes possuem com a leitura), o 2º maior índice (38%) é representados pelos responsáveis que assinalaram a satisfação em frequentar livrarias e bibliotecas.

Em 94% dos casos os pais afirmaram ler regularmente algum jornal ou revista. Entre os tipos de jornais e revistas mais citados foram identificados com maior percentual os que possuem maior circulação entre estratos sociais mais favorecidos economicamente da população carioca.

O romance é o gênero literário preferido pelos respondentes (53%) seguidos dos textos técnicos (27%) e as biografias (25%). Em relação à procedência dos livros, são, no geral, comprados em livrarias (78% das respostas). Estes dados revelam a posse de capital cultural das famílias manifestando-se não só na forma institucionalizada (observado através dos títulos escolares) como também na forma objetivada (observado através da aquisição de livros).⁷

No que se refere à rede de relações e circulação social estabelecidas por essas famílias, podem ser considerados os seguintes aspectos: as famílias viajam bastante, entre diversos estados dentro e fora do país. Cerca de 91% dos respondentes declararam ter viajado nos últimos cinco anos. Na maior parte dos casos (citado em 84% das respostas) os respondentes viajam com a família, em situações de lazer (95%). Dessa forma, as famílias são expostas às diferentes experiências culturais pelos espaços onde circulam.

⁷ Para uma explanação detalhada da noção de capital cultural sob as suas três formas de manifestação (incorporado, objetivado e institucionalizado), ver o texto de Pierre Bourdieu – Os Três Estados do Capital Cultural (*in*: Catani & Nogueira, 2001).

As áreas públicas de lazer, os cinemas e os restaurantes foram, respectivamente os tipos de lugares citados como os mais freqüentados pelas famílias (com índices de 42%, 40% e 37%, respectivamente).

Contudo, a hierarquia não é a mesma quando passamos da ‘rotina’ para ‘o gosto’. É possível identificar uma alteração (e até mesmo inversão) dos índices quando comparados os três lugares que as famílias mais freqüentam e os três tipos de programas que a família mais gosta de fazer. As áreas públicas de lazer, por exemplo, presentes nas respostas de 42% dos pais como um dos lugares mais freqüentados na rotina mensal das famílias, ocupa somente o sétimo lugar no gosto das famílias.

Lugares como shoppings, clubes, casa de amigos e parentes que aparecem com índices superiores a 20% na rotina mensal nas práticas de lazer das famílias, aparecem ‘no gosto’ das mesmas com uma brusca queda do percentual, com índices variando entre 6% e 12%. Por outro lado, lugares como centros culturais, museus, galerias, shows e concertos de música ou ballet, citados por menos de 10% dos pais como os lugares mais freqüentados pelas famílias, possuem um índice superior a esta marca quando se trata do gosto das famílias, indicando que freqüentam esses lugares menos do que gostariam.

O surgimento de práticas de lazer como freqüentar cinemas, restaurantes, casa de amigos e parêntese e as áreas públicas de lazer também são detectadas por Brandão & Lelis (2003,p.17) na pesquisa desenvolvida sobre a escolarização dos filhos de elites acadêmicas. Através deste trabalho, foram levantadas algumas hipóteses sobre as possíveis mudanças no capital cultural das elites brasileiras, onde as autoras destacam “a necessidade de buscar outras referências de análise que dêem conta de uma relação mais contextualizada com a cultura, seja ela letrada ou de massa entre as elites intelectualizadas”.

Tal necessidade é diagnosticada diante da problematização feita por diferentes autores (Canclini,1995; Sarlo,1997, entre outros *apud* Brandão & Lelis, 2003), no que se refere a utilização da literatura, da música clássica e da arte erudita como base para a suposição de consumo cultural das elites nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Outros aspectos referentes às práticas culturais das famílias investigadas podem ser associados às características da escola escolhida para a escolarização de seus filhos. 85% das famílias investigadas declararam possuir uma orientação

religiosa, dos quais apenas 16% declararam-se praticantes. Embora tenham sido citadas até cinco religiões diferentes, a grande maioria das famílias (cerca de 87% dos que declaram possuir uma religião) é composta por pais católicos.

Embora a fala do coordenador acadêmico sugira que o fato da escola ser identificada como fiel à congregação católica em sua missão não seja um aspecto de peso na escolha da escola pelos pais, a orientadora pedagógica da 1ª série, ao identificar o Brasil ‘como um país católico’, afirma acreditar que a orientação religiosa pode estar embutida no projeto de escolarização das famílias que buscam o Colégio Santa Rita de Cássia.

No que se refere à participação dos pais dos alunos em movimentos ou projetos sociais realizados fora da escola, o índice obtido indica, neste aspecto, um pequeno distanciamento entre as práticas culturais das famílias e o projeto pedagógico da escola.

Apesar do desenvolvimento de projetos sociais envolvendo os alunos do colégio e seus familiares, assim como a participação em questões político - sociais sejam citados pelos coordenadores e orientadores do CSRC como aspectos diferenciais e características do sucesso da escola, a maior parte dos pais (75%) declara não participar de nenhum tipo de projeto ou movimento social fora da escola, delegando, aparentemente, esta função à escola na formação de seus filhos.

Através dos dados obtidos sobre os aspectos sócio-econômicos e as práticas culturais das famílias investigadas, pode-se afirmar que o grupo pesquisado ocupa uma posição privilegiada na estratificação social brasileira apresentando características de uma elite econômica intelectualizada, detentora de capital cultural, social e informacional.

Contudo, devemos considerar o alerta feito por Héran (*apud* Nogueira, 1998) para a necessidade dos estudos sobre a escolha do estabelecimento de ensino não serem relacionados de forma mecânica à classe social de pertencimento do grupo investigado.

Na concepção do autor francês, as investigações sobre a escolha do estabelecimento de ensino devem levar em consideração os valores dos pais (expectativas, aspirações, e etc) que incidem fortemente no processo de escolha, sendo responsáveis pela diversidade e complexidade dos dados encontrados nos critérios utilizados por diferentes grupos familiares.

Do mesmo modo, Ballion (*apud* Nogueira, 1998) identifica que a variação nas modalidades de escolhas está relacionada a diversos fatores, correlacionados ao nível sócio-cultural das famílias. Entre eles, destacam-se: o julgamento familiar sobre o valor escolar do filho, a apreciação de chances futuras, o projeto educativo perseguido, a imagem do estabelecimento escolar e a informação sobre o sistema de ensino.

Diante das características sócio-econômicas das famílias investigadas, e as considerações citadas acima, atingimos o cerne da questão:

- Quais os aspectos sócio-culturais que estão embutidos no processo de escolha de escola vivenciada por essas famílias?
- Como se caracteriza esse processo de escolha de escola?
- Que tipos de instrumentos e estratégias essas famílias lançam mão no momento da escolha?
- De que maneira as características identificadas no perfil das famílias interferem no processo de escolha da instituição de ensino para a escolarização de seus filhos?

Essas são algumas das questões que irão nortear a apresentação e análises dos dados abordados no próximo capítulo.